

Baía mantém mistério e beleza nos 500 anos

PRESERVAÇÃO
O desafio neste milênio é manter limpas as águas da baía

LEVI VASCONCELOS

Ilhas desertas, praias inexploradas, matas densas, animais silvestres raros e beleza por todos os lados. Dito assim, até parece que se está falando de um ponto distante do planeta em que a civilização ainda não chegou, mas o cenário aí é daqui e está ali, na Baía de Todos os Santos, esta mesmo que diariamente encanta os olhos dos moradores de Salvador. Berço da nação brasileira, cinco séculos depois que o italiano Américo Vespúcio, a serviço da coroa portuguesa, na expedição de Gaspar de Lemos, singrou suas águas, ela continua linda.

É a maior baía do Brasil e também a mais surrada pela civilização. É dela a origem do nome do Estado da Bahia (etimologicamente a mesma coisa que baía), onde nasceu o Brasil. Tem no seu interior muitas lendas sobre tesouros de galeões naufragados. Sofre agressões de resíduos industriais, esgotos, pesca predatória e expansão urbana. Mas o alarde feito pela mídia em torno de despejos de petróleo e metais pesados como chumbo, infundem a falsa idéia de que o conjunto é um mar arrasado. Não é. Grande parte dela exhibe muito da beleza que os navegadores dos primórdios do Brasil viram, se não tal é qual no tempo em que os tupinambás eram absolutos, pelo menos bem próximo disso.

São 54 ilhas. Boa parte parece intacta, com muitos dos seus habitantes históricos, a exemplo da preguiça de coleira e do lobo-guará. Noutras, a presença humana é *chic*. São verdadeiras mansões, com piscina, coqueirais plantados ordenadamente, no meio do mar. Em terras continentais, como nas bordas dos poucos quilômetros que separam a Baía do Iguape, em Maragojipe, da desembocadura do Paraguaçu, as ruínas de fortes e igrejas históricas são intercaladas por construções ultramodernas. São *points* de lazer de alguns novos ricos baianos.

Diagnóstico

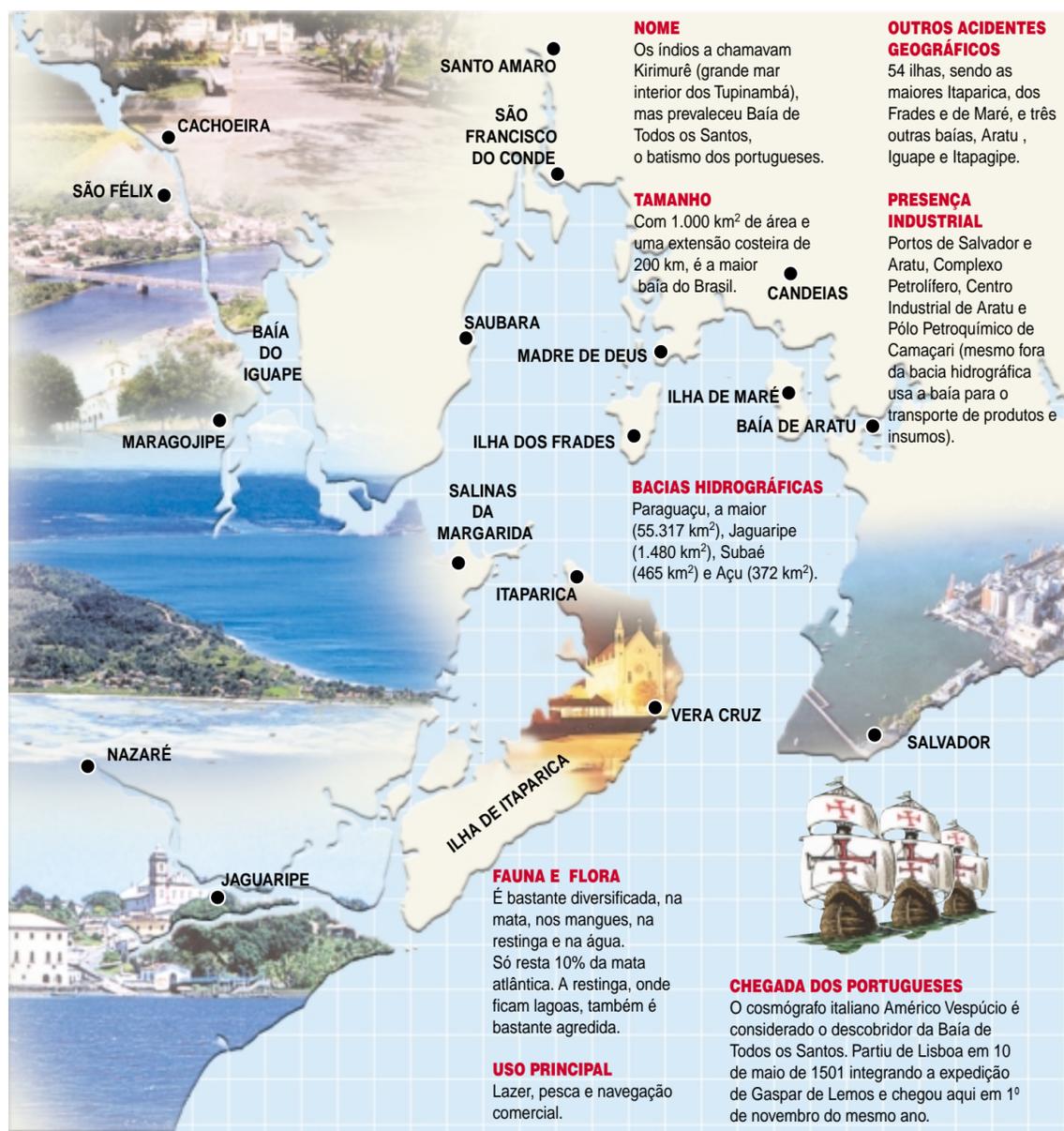
O painel mostrando a realidade sobre o bojo e o entorno da Baía de Todos os Santos no limiar do terceiro milênio, ponto a ponto, até os mais recônditos, será exposto hoje, integrando parte das comemorações dos 500 anos, em seminário que está sendo realizado no Centro de Recursos Ambientais (CRA) em parceria com a Fundação Bahia Viva e a colaboração dos donos de algumas das ilhas. É o documento que formará a base para o Programa BTS para Sempre, que inclui os projetos de Zoneamento Econômico e Ecológico e o plano de gestão ambiental, em gestação.

O nível de preservação é animador, mas o diagnóstico revela também que, após 500 anos de ocupação da civilização que veio da Europa, é preciso rever seu modelo, sob pena da paradisíaca baía ver as belezas naufragarem. "Até agora estamos lidando com a Baía de Todos os Santos como se fosse um bem inesgotável. É uma concepção errada. Trata-se de um bem renovável, ainda bem preservado, mas que requer uma utilização planejada. A comemoração dos 500 anos haverá de ser um marco na mudança do paradigma de utilização", diz o diretor da APA, Jefferson Cerqueira Viana.

Segundo ele, o diagnóstico confirma tecnicamente a impressão empírica de quem passeia pelas águas dos Tupinambá de barco. "Sempre se fala que a Baía de Todos os Santos está poluída, mas não é bem assim. Considerando que é a maior do Brasil e tem 500 anos de presença da civilização, ela é bem preservada", fala. "Há pontos de contaminação química, mas nem todos e também não se sabe qual é o nível de poluição. Saberemos disso agora com o projeto. Serão aplicados US\$ 1,2 milhão, o que para nós é muito dinheiro. É mais do que o orçamento do CRA para o ano inteiro", afirma Eduardo Topázio, diretor do projeto de Modelamento e Agressão e Ambiental.

O PERFIL DE KIRIMURÊ NO TERCEIRO MILÊNIO

500 anos depois, a Baía de Todos os Santos sofre, mas sobrevive



Animais marinhos ameaçados

Na desembocadura do Rio Paraguaçu, algumas milhas ao norte da Ilha de Itaparica, o espetáculo é sagrado: todos os dias, pela manhã e à tarde, grupos de golfinho cinza saltam e gritam. Moradores típicos de ambientes similares na costa brasileira, eles encabeçam a lista dos animais marinhos ameaçados de extinção que frequentam as águas da Baía de Todos os Santos. No mesmo time estão a tartaruga verde e a baleia jubarte, que entre julho e novembro também são presentes na área.

A olho nu, os 17 técnicos que fizeram o diagnóstico ambiental da Baía de Todos os Santos constataram a presença de 14 espécies de insetos, duas de aranhas, quatro de anfíbios, 12 de répteis (cinco de lagartos e sete de serpentes), 41 de aves e pássaros e 10 de mamíferos, mas admitem que a lista é bem maior, já que várias outras espécies cuja presença é facilmente notada não foram avistadas durante o período em que o trabalho foi realizando.

Extinção

Em terra, o lobo-guará e a lontra lideram a lista dos que estão ameaçados de extinção. Ainda há espécies de árvores nativas dos tempos de Américo Vespúcio, hoje uma raridade, como o pau-brasil e o jacarandá, também ameaçados. Os manguezais também sucumbem à civilização. Além dos criatórios de camarão em Salinas, eles são vítimas da expansão urbana em Madre de Deus e nas ilhas de Maria Guarda, dos Ratos e das Fontes.

Poluição e acidentes causam preocupação

Dos 300 poços que a Petrobras tinha nas águas da Baía de Todos os Santos só restam 100, e assim mesmo, não mais para a extração do óleo e sim do gás natural, que é considerado bem menos poluente. Catar a sucata que ficou no fundo do mar, principal reclamação dos pescadores de São Francisco do Conde, Madre de Deus e Candeias, é o grande desafio dos órgãos ambientais que, financiados pela Petrobras, monitoram pescadores-

mergulhadores, um trabalho difícil, já que há muitos pedaços de ferro enferrujados, enterrados na lama, em águas de pouca visibilidade.

Aliás, de todas as ilhas da Baía de Todos os Santos nenhuma sofreu tanto impacto ambiental quanto Madre de Deus, que é um município desmembrado de Salvador em 1989, hoje conhecido como "a cidade bomba", graças aos muitos tubos que cortam o seu núcleo ur-

bano, em direção ao Terminal Marítimo, lugar que embarca e desembarca petróleo e gasolina. Desde que a Petrobras se instalou lá, há 50 anos, aconteceram dezenas de vazamentos.

Conforme avaliação da Associação de Moradores Locais, a indenização de cada um dos 1.421 pescadores cadastrados por conta dos acidentes dos últimos 25 anos é de R\$ 11 mil. Após acordo firmado com a presença do Ministério Público e a

participação da Fundação José Silveira, ficou acertado o preço de R\$ 600 por pessoa, referentes as indenizações por três derramamentos de óleo ocorrido em 1999, valor que seria pago esta semana. Segundo Davi Carlos Santana Azevedo, presidente da associação, a Petrobras recuou porque só reconhece 200 pescadores.

"Desde menino vejo os vazamentos. R\$ 600 não paga os prejuízos, mas entendemos que

a situação cria um novo clima de respeito mútuo", observa, lembrando que outra reivindicação da comunidade é a construção de um novo acesso à cidade, via São Francisco do Conde, o que ainda não foi feito. Das águas da baía e dos estuários dos rios que nela deságuam foram retiradas 21,6 mil toneladas de peixe em 1998, o último ano. Salvador lidera a produção, com 5,4 mil, seguida por Maragojipe, com 3,6 mil.

Ferries melhoraram travessia

Itaparica, a maior e mais famosa das ilhas da Baía de Todos os Santos, deixou de ser ilha desde meados dos anos 60, quando o então governador Luiz Viana Filho implementou o ferry-boat e construiu a Ponte do Fumil, fazendo a ligação rodoviária com o continente. Na época, a obra significou um verdadeiro "boom" na vocação principal da Baía de Todos os Santos, o turismo, até então resumido à cidade de Itaparica, centro de veraneio das famílias de Salvador.

O ferry trouxe hotéis e alavancou o turismo no restante da ilha, na parte pertencente a Vera Cruz. A facilidade do acesso para os que chegam do continente e a dificuldade para quem sai de Salvador acabou criando uma situação antagônica: a população explodiu, os turistas sumiram, a decadência se instalou. Como reverter a situação? Os esforços feitos até agora estão centralizados justamente no ponto que antigamente era a grande



O Convento dos Franciscanos do Paraguaçu é uma das atrações culturais para quem navega pela maior baía do Brasil

atração, a cidade de Itaparica.

O governo do Estado construiu em frente à histórica Fonte da Bica uma marina de primeiro mundo. Ela faz parte do projeto que visa interligar os principais

pontos da baía com a estrutura já existente, o Iate Clube da Barra, o iate de Aratu, a marina da Contorno e as ilhas. "Apostamos que o futuro pende para o lado de cá, da Costa Oeste, que é muito bonita e pouco

explorada", diz o empresário Pedro Bocca, um dos sócios do flat Costa Oeste, que está sendo construído em frente à marina de Itaparica.

Pedro, que é paulista de nascimento e também velejador, diz que 20 anos

atrás veio fazer uma visita à Bahia e aqui está até hoje. "Velejadores do mundo inteiro nos dizem que temos uma maravilha. Em pouquíssimos pontos do planeta há águas tão tranquilas como aqui", fala.

Foto: Geraldo Ataíde